O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2011 - ANO XIV - Nº 172

EDITORIAL

Quando todos achavam que não poderia piorar a descontrolada problemática do uso de drogas no país, eis que aparece mais um item no cardápio deste triste dilema: o óxi. Esta nova droga chegou ao país recentemente, nas regiões das fronteiras com a Bolívia e a Colômbia. Devastador, o óxi é considerado pior que o crack, pois vicia mais rapidamente.

Nos últimos anos tem aumentado num ritmo alarmante o uso ilícito de drogas, tornando-se um grave problema de saúde pública em todo o mundo. Suas consequências e prejuízos não se restringem ao usuário, mas atingem também sua família, seus vizinhos, seu emprego e sua comunidade.

Ao mesmo tempo surgem duas questões importantes: como lidar com alguém conhecido com problemas decorrentes do uso de drogas e, principalmente, o que fazer para prevenir o uso indevido em nossa própria família?

Sabemos que a tarefa de prevenir o consumo não tem sucesso se for um esforço isolado. A situação que se apresenta é o principal exemplo da necessidade da "responsabilidade compartilhada", ou seja, o envolvimento de diversas formas de atuação para que bons resultados sejam alcançados. Assim, a parceria entre as instituições oficiais e a família torna-se um dos principais núcleos da ação efetiva. E uma das principais formas de auxiliar a família a enfrentar o problema é a divulgação de informações corretas, atualizadas e isentas dos preconceitos sobre as drogas, e a prevenção do seu uso indevido, tão comum quando esse assunto vem à tona.

Os jovens constituem a população mais suscetível ao consumo de drogas. Ao mesmo tempo, uma das mais efetivas formas de prevenir é o fortalecimento da interação positiva entre jovens e adultos. As propostas preventivas devem ser destinadas não apenas a prevenir o uso indevido de drogas, mas a resgatar toda uma dimensão humana desrespeitada. É uma tarefa difícil e complexa, pois envolve o restabelecimento de sentidos para a vida social, devolvendo valores e normas éticas baseadas no respeito à pessoa e às suas diferenças, bem como ao ambiente e às tradições culturais, religiosas e históricas. É este conjunto, com suas numerosas interfaces transculturais, que órgãos internacionais denominam "melhoria de qualidade de vida", focalizando não o produto, nem o combate às drogas, mas sim, o homem enquanto cidadão, pessoa e sujeito ativo.

Reprodução

Os livros são importantes tanto para a formação cultural como para a formação de uma pessoa como cidadã. É na biblioteca, em meio a todos os livros, que um mundo diferente é descoberto pelas crianças, adolescentes e adultos. Na foto, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1910.

"Um país se faz com homens e livros"

Criada em 29 de outubro de 1810, a partir da coleção trazida por Dom João VI, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, a Biblioteca Nacional comemorou 200 anos de existência. De um acervo inicial de 60 mil peças, já àquela época, de valor inestimável, similar às melhores coleções reais europeias, a Biblioteca abriga hoje mais de 9 milhões de obras, sendo considerada pela UNESCO uma das dez maiores do mundo.

No final do ano passado, durante a solenidade comemorativa da efeméride, o ministro da cultura, discursando sobre a data e a importância da leitura, afirmou que somente municípios que mantenham bibliotecas públicas terão direito de receber verbas do Ministério. A medida foi detalhada por portaria ministerial e visa a garantir que os prefeitos invistam na sua manutenção.

O Brasil é um país em que poucos têm acesso a livros e, por isso, poucos leem. Essa verdade, que já era conhecida dos brasileiros, recentemente foi confirmada pelo 1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais feito pela Fundação Getúlio Vargas para o Ministério da Cultura em 4905 cidades de todas as regiões, no ano passado.

Os números são desanimadores. Em pelo menos 420 municípios a população não conta com nenhuma biblioteca pública. E nem o crescimento significativo dos investimentos feitos pelo governo federal, que aumentaram 1500% de 2003 a 2009, de R$6 milhões para R$95 milhões, reverteu a situação negativa.

A principal razão apontada é a falta de estrutura dos municípios, além da necessidade de cumprir muitas exigências burocráticas.

Mas é claro que por trás do problema há uma questão muito mais ampla, com raízes culturais econômicas e políticas, e é antiga na história do Brasil.

A educação pública, em muitos municípios, ainda é encarada por administradores mais como despesa do que como processo de crescimento social. Tanto que foi necessário definir na Constituição o percentual mínimo do orçamento que deve ser investido no setor.

À questão do custo se associa a falta de tradição de leitura dos brasileiros. Por isso, é preciso que, além de liberar verbas, o governo desenvolva projetos de distribuição de livros e incentivo à leitura. E que eles não se restrinjam a bibliotecas. É preciso criar o hábito da leitura desde os primeiros anos na escola, com aulas específicas, profissionais preparados e acervo adequado.

O país não pode cair na armadilha de limitar o processo educacional à transmissão de conhecimentos básicos. A educação precisa ser transformadora e formadora de cidadãos com a melhor bagagem cultural possível. Afinal, como ensinou Monteiro Lobato, "um país se faz com homens e livros".

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

A coroação de Nossa Senhora

Para os católicos o mês de maio é todo voltado para a exaltação e louvores a Nossa Senhora. Ao longo da história da Igreja, os fiéis, lembrando-se das palavras de Maria "Todas as gerações me chamarão de Bem-aventurada, porque fez em mim grandes coisas o Todo-poderoso" (Lc1,48) e refletindo na grandeza da salvação, foram enriquecendo o seu manto com títulos que demonstram a confiança e o amor para com Ela.

A Igreja nos ensina que Maria é a Medianeira de todas as graças. Modelo perfeito de todas as virtudes, com seu exemplo aprendemos como imitar o seu Filho. Na imitação das virtudes de Maria se manifesta verdadeiramente nossa devoção. E essas virtudes nós encontramos nas páginas dos Evangelhos: a obediência, a humildade, a pureza de coração. Espelhando-se em seu exemplo, a Igreja dedica a Ela o mês de maio.

Maria Santíssima sempre foi venerada pelos piquetenses. O amor dedicado a Ela manteve os paroquianos fiéis à religião católica, mesmo durante os muitos anos em que não havia padre residindo na freguesia de São Miguel. Nesse longo período a população se reunia frequentemente para rezar o terço. A devoção mariana foi o fermento de renovação espiritual, de transformação profunda de nossa comunidade e a manteve unida. De diferentes maneiras os piquetenses buscavam demonstrar sua devoção a Nossa Senhora. Tradicionalmente, no dia 31 de maio acontecia a Coroação de Nossa Senhora. Não se sabe ao certo quando ocorreu a primeira delas em Piquete. Sabemos que a partir da chegada do padre João Guimarães, em 1934, a cada ano a festa crescia em número de participantes. Concorreu para isto o trabalho da Pia União das Filhas de Maria e dos Congregados Marianos. No final dos anos 40, com a chegada das Irmãs Salesianas, a festa da Coroação de Nossa Senhora passou a acontecer, também, nas capelas do Hospital e de São José.

Durante o mês de maio, a imagem de Nossa Senhora visitava as casas das famílias, especialmente das que pagavam promessas por graças alcançadas. Todas as noites, na velha Matriz, havia reza do terço, ladainha cantada de Nossa Senhora, oferecimento de flores pelas crianças da Cruzada Eucarística e do catecismo paroquial e a bênção com o Santíssimo Sacramento. Em seguida, a imagem de Nossa Senhora era conduzida em procissão, transportada num andor, geralmente levado por 4 Filhas de Maria ou por 4 Congregados Marianos a uma casa, onde pernoitava. No dia seguinte, era costume a família anfitriã rezar o terço ao meio dia, em companhia da vizinhança. À noite, a imagem era reconduzida à Matriz pela família, vizinhos e devotos. Esse ritual era reproduzido todas as noites do mês de maio. O ápice dessa festa acontecia no dia 31, na Matriz de São Miguel. Nessa ocasião, todas as famílias se reuniam para assistir à coroação de Nossa Senhora como Rainha do Céu e da Terra. Num altar erigido na lateral da igreja, a imagem era entronizada. A decoração do altar surpreendia pelo bom gosto e esmero. Dava gosto vê-lo cheinho de meninas vestidas de anjos, com suas túnicas, coroas e asas nas cores branca, azul e rosa. Todos se emocionavam com a oferta de rosas e o som das vozes infantis. O ponto alto era a coroação propriamente dita. Um dos anjos, com voz quase divina, cantava o hino de louvor a Maria à medida que ia coroando a imagem. Colocada a coroa sobre a cabeça de Nossa Senhora, uma chuva de pétalas de rosas era atirada pelos demais anjinhos. Os sinos repicavam festivos, enquanto os presentes à cerimônia, com o coração palpitando, tinham os olhos marejados.

Certa vez, conta o professor Chico Máximo, cronista das coisas piquetenses, numa coroação de Nossa Senhora, a igreja Matriz de São Miguel estava mais cheia que de costume. Naquele ano houve uma participação comunitária maior que a dos anos anteriores. Após a coroação e ao término da cerimônia, dona Nair Porfírio, uma das Filhas de Maria, entoou o hino "Um terno adeus de saudade", sendo acompanhada por toda a Igreja. Foi um momento de grande emoção, uma -que contagiou a todos, verdadeira catarse, da qual saíram todos para suas casas com a alma lavada e a devoção a Nossa Senhora fortalecida.

GENTE DA CIDADE

Vicente Cândido

"Do Prata ao Amazonas, do mar às cordilheiras, cerremos as fileiras, soldados do Senhor!

O nome teu, Maria, ó Virgem Soberana, nos une e nos irmana, nos dá força e valor, nos dá força e valor!" (trecho do Hino dos Congregados Marianos)

Muito religioso, Vicente Cândido da Silva, desde a mais tenra idade tem Nossa Senhora como luz e guia a iluminar seus caminhos. Filho de José Cândido da Silva e Ernestina Gonçalves da Silva, nasceu no bairro do Quilombo, em 1º de outubro de 1930. É o mais velho de três filhos. Frequentou os primeiros anos de estudo numa escola rural, no bairro onde nasceu. Em 1938, a família se mudou para Piquete. O pai veio trabalhar na fábrica de pólvora. Concluiu o curso primário no Grupo Escolar da Fábrica, matriculando-se, a seguir, na Escola Industrial Masculina, no curso de Eletricidade. Refere-se a esse período de estudos como um dos melhores de sua vida. A organização da escola com seus diversos cursos, a disciplina dos alunos e o empenho do coronel Monte, supervisionando tudo, ficaram em sua memória. Cita o diretor, professor Augusto Ribeiro e dos professores Laércio Azevedo, João Ramos, José Evangelista, Faury, Miguel Médice, Léo, Pedro Mazza, Antenor Figueira... Na parte das oficinas, Willi Vieth, no ensino da Mecânica de Máquinas, e Antônio Faustino, no de Eletricidade, em que Vicente Cândido se especializou. "Éramos sete os alunos do Curso: eu, Rosemar Jaime da Silva, Armando Câmara, Norival Ribeiro da Silva, João Duran, Valdomiro Pereira e Chico Magalhães". "A Fábrica investia muito na Escola Industrial, que era uma referência no ensino técnico na região", afirma, orgulhoso. Após a formatura, o coronel Orlando da Costa Canário enviou os sete eletricistas recém-formados para um curso de aperfeiçoamento em São Paulo que durou dois anos. Ao retornar, foi trabalhar na 5ª Divisão, cujo mestre à época era Valdir Vianna e o diretor o coronel Canário. Vicente Cândido conta que, àquela época, a Fábrica investia pesado na formação de técnicos e que certa vez, após uma explosão no 3º Grupo, vieram uns alemães para instalar uma nova fábrica. Os sete ex-alunos do Industrial tiveram aulas básicas de alemão, em Taubaté, a fim de que aprendessem o básico daquele idioma. Após 35 anos de trabalho, aposentou-se em 1981, mas foi convidado a continuar. Permaneceu, então, por mais dez anos na mesma função.

Vicente Cândido afirma que a família foi sempre muito religiosa e que, certa vez, na antiga matriz de São Miguel, uma Filha de Maria chamou-lhe a atenção. Era Josefina de Oliveira Alves. Após dois anos de olhares trocados e correspondidos, casaram-se a 10 de setembro de 1955. Desta união resultaram duas filhas e cinco netos.

Católico fervoroso, é Congregado Mariano há 64 anos. Entrou para essa Associação de leigos em 1946, quando o presidente era Luiz Vieira Soares e o Padre Juca o pároco. Há seis anos é presidente da Congregação Mariana Nossa Senhora Auxiliadora e São Luiz de Gonzaga. Até anos atrás, a congregação era composta somente de homens. Com o fim da Pia União das Filhas de Maria, passou a contar com a participação de mulheres. São trinta os congregados atualmente, que se reúnem todas as quintas-feiras, às 19h, no Salão Paroquial.

Aos 80 anos, Vicente Cândido mantém-se ativo. Às terças e quintas-feiras, faz um trabalho de catequese com os meninos da Escolinha de Futebol Pirralhos: antes do treino, quem passa pelo campo, o vê, ao centro, cercado pelos atletas – "Sem catequese, não há futebol", é a regra. "A participação é de 100%!"

Seu Vicente nos faz lembrar que "Santidade e apostolado" são duas metas para uma transformação cristã da sociedade humana.

Notas da Cidade

☑ *O Jongo de Piquete no 13 de Maio*

No dia 13 de maio, em comemoração à libertação dos escravos, o Grupo Jongo de Piquete promoveu, pelo terceiro ano, a Marcha Contra o Racismo e todo tipo de preconceito, que percorreu diversas ruas da cidade. Além dos jongueiros, participaram alunos das escolas municipal e estaduais do município, além das particulares Professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto e Instituto Educacional Cristão.

Este ano, contaram com o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Região, que disponibilizou um carro-de-som.

À noite, uma grande roda de jongo aconteceu no Recinto de Festas Miguel Purcino Ferreira. Ao som do tambu do candongueiro e da puíta, a comunidade cantou e dançou até de madrugada. No quiosque do recinto, foi servida canjiquinha com costelinha de porco.

A comunidade jongueira se reunirá no dia 11 de junho, na casa do Mestre Gil, para a tradicional reza do Terço dos Negros, em louvor a Santo Antônio.

☑ *FCR proporciona bolsa de estudos*

A Web Cursos Informática e Profissionalizantes está ministrando em uma sala da escola Leopoldo Marcondes de Moura Netto aulas de informática. Estão disponíveis os seguintes cursos: Operador de Computador, Profissionalizante em WEB Designer, Designer Gráfico, Assistente Contábil, Secretariado Administrativo e Auto CAD.

A Fundação Christiano Rosa, reconhecendo a importância dos cursos para o desenvolvimento de jovens e adultos, selou parceria com o coordenador do curso, Vicente Alves da Silva Filho, e está proporcionando gratuitamente dez vagas. A metodologia de ensino utilizada, da Microvip: aulas de duas horas ministradas nos três períodos. No mês de maio, 87 novos alunos se matricularam nos cursos disponíveis, que terão duração de dois anos. Ao final, os aprovados receberão certificados de Operador de Computador, e outro de uma função profissionalizante à escolha do aluno.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Sevilha, Olé!

Catedral de Sevilha, Espanha

A informação do locutor da rádio Aparecida dava conta de que a Festa dos Reis se daria nos dias finais do mês de janeiro de 2011. Comunicava ele da participação de cerca de 50 Folias de Reis dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, onde essa tradição ainda é cultivada como manifestação cultural do mês de janeiro. Faz parte dos calendários das comunidades de área rural, ou de origem das mesmas, mantendo-se, pela força de seus participantes, particularmente nos bairros das periferias das áreas urbanas onde se concentram grupos de população ruralizada.

A oportunidade da informação levou-me de volta à visita que fiz a Sevilha na década de 1980. Foi quando o locutor anunciou os shows noturnos dos dias da Festa de Aparecida, e citou o de encerramento com Renato Teixeira. Esse nome provocou-me a doce lembrança de ter ouvido do rádio receptor do motorista de táxi que me transportava em Sevilha, sobre a ponte do rio Guadarrama (semelhante ao Paraíba pela largura e posicionamento no centro da cidade), a voz de Elis Regina, com aquela emoção e sensibilidade cantando "Romaria". Momento inesquecível vendo a torre da Catedral de Sevilha, torre elegante e afinada, com uma pequena figura feminina móvel no topo, movendo-se ao sabor dos ventos a "Giralda" – (pelo que me lembrei dos galantes galinhos de nossa matriz ancestral). Fui em direção às ruínas de uma antiquíssima cidade romana nos arredores de Sevilha. Bela visita para observar os trabalhos em mosaico muito bem conservados e de fino lavor.

Peregrinei depois para a capela da Virgen de La Macareña, a Nossa Senhora dos toureiros, extraordinária imagem de porcelana, cabelos naturais, olhos brilhantes e vivos, o vestuário rico e coberto de pérolas e pedras preciosas: diamantes, esmeraldas, rubis, e tudo o mais. Beleza de tirar o fôlego. Bem ao lado, a praça de touros. Felizmente era janeiro – mês de inverno, não de touradas, pois não iria vê-las. Mas, me lembrei do famoso filme "Sangue e areia", feito com paixão, bons atores e cenários empolgantes, e que Madona retomou em luxuriante vídeo-clipe. Sensualisticamente.

Fui também às "Cuevas" cavadas nos morros, onde vivem os ciganos e nos oferecem empolgantes espetáculos de Tablado e flamengo. Dançarinas vibrantes, indumentárias belíssimas, cantores lamentosos às guitarras gitanas. E os saltos dos sapatos a contrapontear e compassar as melodias, muitas delas milenárias e lendárias.

Andaluzia, das muitas lendas e mistérios.

Agora, passado o tempo, Sevilha ressurge para mim, inesquecível e imorredoura. E pensar que um golpe de sorte levou-me até lá, pois já havia ido a Granada, Córdoba e muitas outras ao norte e ao centro do país. Estava pronta para sair de Madri para São Paulo. Tinha, porém, mais um dia todo. Como aconteceu sempre no inverno na Europa mediterrânea, a chuva intermitente dificultava os movimentos pela cidade. Madri é muito úmida no inverno. Fui a Barajas, o aeroporto. Dirigi-me ao guichê para comprar passagem. Para onde? Sevilha, apostei. – "Não há lugares. Todos reservados", disse-me o atendente. Somente na lista de espera. Joguei novamente na sorte. Era véspera de Reis, data de grande movimento na Espanha. Comemoração de reuniões familiares. Mais do que no Natal, dia de trocar presentes. Dei sorte, consegui o lugar desejado. Embarquei. O avião foi passando pelos planaltos, depois as colinas cobertas de olivais – e o sol mediterrâneo iluminando aquelas terras semiáridas e seus canais de irrigação. Visitei lindamente Sevilha, seus palácios e seus jardins fechados, os laranjais avermelhados, as ruas fervilhantes de um povo alegre, a Catedral e o túmulo de Colombo (mas dizem que ele não está lá, e sim na América Central), e vi toda a celebração dos Reis, uma festa familiar e popular rica de tradições e cultura. Um dos dias mais venturosos de minha vida. Voltei para Barajas, onde deixara minha bagagem e embarquei para São Paulo com o coração iluminado e a cabeça incendiada.

Dóli de Castro Ferreira

Piquete, um olhar cidadão

A preocupação em recuperar e preservar o meio ambiente tornou-se, nas últimas décadas, prioridade cada vez maior de todos os povos do Planeta. Trata-se de uma questão de sobrevivência de todas as espécies. Inclui-se, aí, o homem. Essa preocupação decorre de uma nova maneira de perceber o mundo e da relação direta do homem com o meio em que vive. Ao olharmos para Piquete, observamos o quanto somos privilegiados por residir nesse lugar. No entanto, é preciso um olhar mais carinhoso para o meio ambiente. Temos sérios problemas ambientais que precisam ser equacionados, um trabalho de conscientização continuada deverá acontecer. A educação ambiental é o caminho para solucionarmos esses problemas. Em sua essência, a educação ambiental é uma proposta de filosofia de vida que incorpora valores éticos, democráticos e humanistas. Tem como ponto de partida o respeito pela diversidade natural e cultural, incluindo-se, aqui, as especificidades de classe, etnia, gênero, orientação sexual etc. Assim, busca a melhoria da qualidade de vida e a distribuição social do poder, reconhecendo, também, como formas de poder o acesso à informação e ao conhecimento.

****

Fotos arquivo Pro-Memória

A abolição da escravatura

Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel sancionou a Lei Áurea, que aboliu oficialmente o trabalho escravo no Brasil. O fim da escravidão foi o resultado das transformações econômicas e sociais que começaram a ocorrer a partir da segunda metade do século 19 e que culminaram com a crise do Segundo Reinado e a consequente derrocada do regime monárquico.

A ruptura dos laços coloniais e a consolidação do regime monárquico no Brasil asseguraram a manutenção da economia agroexportadora baseada na existência de grandes propriedade rurais e no uso da mão-de-obra escrava do negro africano. A escravidão e a sociedade escravista que dela resultou foram marcadas por um estado de permanente violência.

Desde os tempos coloniais, porém, os escravos negros reagiram e lutaram contra a dominação dos brancos por meio da recusa ao trabalho, de rebeliões, de fugas e formação de quilombos.

Ao longo do século 19, a legislação escravista no Brasil sofreu inúmeras mudanças como consequência das pressões internacionais e dos movimentos sociais abolicionistas. A primeira alteração na legislação ocorreu em 1850, quando foi decretada a Lei Euzébio de Queiroz, que extinguiu, definitivamente, o tráfico negreiro no país. Foi uma solução encontrada pelo governo monárquico brasileiro diante das constantes pressões e ameaças da Inglaterra, nação que estava determinada a acabar com o tráfico negreiro.

Em 1871, foi decretada a Lei Visconde do Rio Branco. Conhecida também como Lei do Ventre Livre, estabelecia que, a partir de 1871, todos os filhos de escravos seriam considerados livres. Os proprietários de escravos ficariam encarregados de criá-los até os oito anos de idade, quando poderiam entregá-los ao governo e receber indenização. Com as leis de extinção negreira e de abolição gradual da escravidão, o trabalho cativo estava fadado a acabar.

O café e as transformações econômicas

As mudanças nas leis escravistas coincidiram com profundas transformações econômicas que o país atravessava. Enquanto a produção açucareira e os engenhos do Nordeste entravam em franca decadência, a lavoura cafeeira dava novo impulso à economia agroexportadora .

O café, plantado nas regiões do Rio de Janeiro, Vale do Paraíba e Oeste Paulista, passa a ser o principal produto de exportação brasileiro.

Quando a produção do café se expandiu, os cafeicultores tiveram que lidar com o problema da escassez de mão-de-obra na lavoura. A compra de escravos, provenientes, sobretudo, das regiões econômicas decadentes do Nordeste, não solucionou o problema.

Os prósperos fazendeiros paulistas tomaram as primeiras iniciativas visando a substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre. Houve incentivo à imigração europeia e fizeram as primeiras experiências de introdução do trabalho assalariado nas lavouras por meio do chamado Sistema de Parcerias, em que os lucros da produção eram divididos entre os colonos e os proprietários.

A Campanha Abolicionista

Nas regiões onde a lavoura se expandiu e prosperou ocorreram importantes transformações econômicas e sociais. A urbanização e a industrialização foram estimuladas de modo a provocar o surgimento de novos grupos sociais com interesses distintos daqueles ligados à produção agrícola.

Progressivamente, esses novos grupos começaram a se opor ao regime escravista. O movimento abolicionista surgiu em meados de 1870, a partir de ações individuais promovidas por ativistas da causa, que incentivavam fugas e rebeliões de escravos.

Em 1879, um grupo de parlamentares lançou oficialmente a campanha pela abolição da escravatura. Foi uma resposta à crescente onda de agitações e manifestações sociais pelo fim da escravidão. No Parlamento, formaram-se duas tendências: uma moderada, que defendia o fim da escravidão por meio de leis imperiais. Seus principais defensores foram Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e Jerônimo Sodré. A outra tendência era mais radical, porque defendia a ideia de que o fim da escravidão deveria ser conquistado pelos próprios escravos por meio de insurreições e de lutas de libertação. Seus principais defensores foram Raul Pompeia, André Rebouças e Antônio Bento. O movimento abolicionista intensificou-se ganhando a adesão popular e maior respeito. Nas cidades, era comum a realização de manifestações e comícios em favor do fim da escravidão.

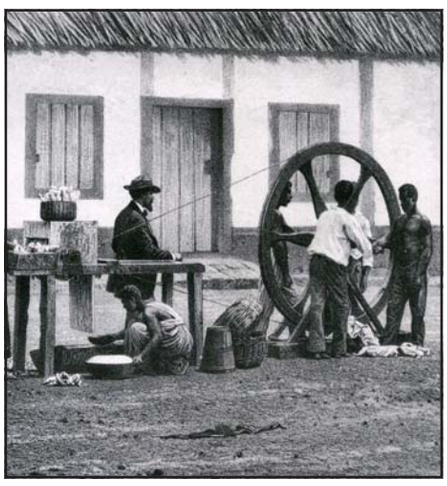
O governo monárquico promulgou, em 1885, a Lei dos Sexagenários ou Lei Saraiva-Cotegipe, estabelecendo que depois de completar 65 anos os escravos estariam em liberdade. A Lei recebeu fortes críticas e foi repudiada pelos abolicionistas, sob a argumentação de que eram poucos os escravos que atingiriam tal idade. Além disso, a lei beneficiaria os proprietários, já que os liberaria de arcar com o sustento dos cativos que chegassem à idade avançada.

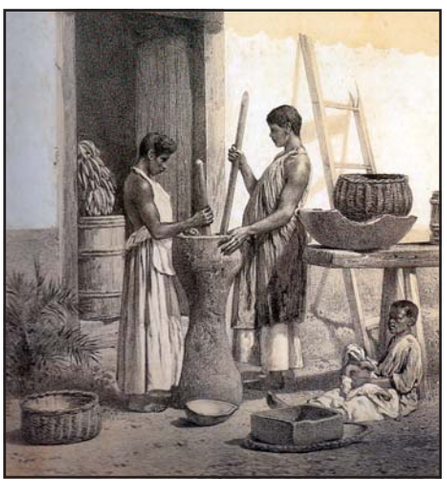
A Lei Áurea

No debate que se seguiu à promulgação da Lei dos Sexagenários, ficaram cada vez mais evidentes as divergências entre as elites do país. Os prósperos cafeicultores paulistas, que já haviam encontrado uma solução definitiva para a substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho assalariado, se afastaram daqueles decadentes do Vale do Paraíba e da aristocracia rural nordestina que ainda resistia na defesa da escravidão.

Como já não dependiam do trabalho escravo para continuar com o empreendimento agrícola, os cafeicultores paulistas se colocaram ao lado dos abolicionistas.

Em 13 de maio de 1888, o ministro João Alfredo promoveu a votação de um projeto de lei que previa o fim definitivo da escravidão. Os parlamentares representantes dos interesses dos proprietários do Vale do Paraíba se opuseram votando contra. Foram, no entanto, derrotados pela ampla maioria de votos a favor. Estava aprovada a Lei Áurea. Na condição de regente do trono imperial, a Princesa Isabel sancionou a nova lei. O Brasil, porém, carrega o fardo histórico de ter sido um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. ***AC***





Reproduções

Crônicas Pitorescas

Mês de Maria

Palmyro Masiero

O mês de maio é considerado o mais bonito do ano. Não discutimos. Das flores, dos noivos e... de Maria.

É tradicional a comemoração à Virgem Santíssima em nossas igrejas durante todo o transcorrer deste quinto mês. Segundo o jornal "A Ordem", nº 75, "a devoção à Virgem Auxiliadora, aqui implantada, deve-se ao fervor dos padres salesianos, que por aqui deixaram indeléveis traços de sua passagem". Embora vivêssemos a condição de paróquia desde 1888, somente viemos a ter padre residente em nosso município em 1934, quando então surgiu a Congregação Mariana, somente para homens, cuja irmandade tinha ao peito transpassada uma fita azul. No ano seguinte, dia 24 de maio, foi criada a Pia União das Filhas de Maria, somente para moças. Todas vestidas de branco e, também, com faixa azul. De sua fundação até ser extinta, as Filhas de Maria tiveram como sua única presidente a senhorita Maria de Lourdes Ferreira, por um período de vida de uns trinta anos mais ou menos. Mais tarde, por 37, 38, nascia a Cruzada Eucarística, somente para meninas, de vestido branco e faixa amarela. Foram essas irmandades as responsáveis pelas mais belas e puras homenagens a Maria, com lindas procissões percorrendo as ruas da cidade, entoando cânticos de glória à Mãe Suprema.

Ao que nos consta, já não mais existem a Pia União, a Cruzada, e resta apenas um pequeno número de Congregados Marianos. Formaram-se novas congregações com objetivos mais caritativos que os de culto apenas.

De acordo ainda com o ex-jornal piquetense citado, e que depois passou a ser órgão diocesano, "a pequena imagem da Virgem Auxiliadora", venerada na sede da Congregação Mariana, devemo-la ao padre João Crippa. Justamente este padre nos traz a vontade de contar um fato de certa forma engraçado. Não aconteceu com ele o caso, mas no mesmo ano em que esteve por aqui prestando seus serviços. Como não tínhamos padre, praticamente a cada ano vinha um ou mais trazer a luz da fé católica aos nossos munícipes, e no ano de 1903, quando se deu o acontecimento que vamos narrar, nossa cidade foi visitada por quatro deles: Pe. Seraphim, Pe. João Crippa, a quem já nos referimos, o Pe. Pieroni e Pe. Mariano Portela. Foi com o primeiro deles que aconteceu...

Quem estiver algo desiludido pelo fato de estar difícil acontecer milagres atualmente, pode consolar-se que a escassez vem de longe. Entremos na máquina do tempo da mente e processemos uma retroação até o terceiro ano do vigésimo século. Na velha matriz comemorava-se o mês de Maria. O vigário designado para fazer este mês pio e festivo foi o padre Seraphim Boschetti. Um dos fracos do padre Seraphim era predicar. Adorava fazer uso da palavra e eloquentemente discorria sobre o assunto a que se propunha. A cada noite, um novo tema. Contritos, os fiéis ouviam a pregação sacerdotal.

Numa das noites, o padre Boschetti tomou o rosário como tema de seu sermão. E lá se ouvia toda a histórica representação e significado do mesmo, dos benefícios e indulgências que traz a quem o usa nas orações. Dissecava o assunto sobre todos os pontos e ângulos daquele fio de número certo de contas. Para encerrar toda sua verbosidade sobre o tema, querendo abalar os alicerces dos ali presentes, impressionando-os e pressionando-os contra a parede, o padre Seraphim lança como arremate final de seu falário:

– Todos os devotos de Nossa Senhora trazem consigo o terço. Eu também sempre trago o meu. Quereis ver?

Ah, meus amigos! Em que esparrela caiu o pobre padre por não ter sido presciente. Começou a busca do abençoado terço num passeio pelos bolsos, calmo e confiante inicialmente, demudando gradualmente para o nervosismo pelo não aparecimento do mesmo.

Na nave da igreja, os católicos pareciam fanáticos torcedores naquele mutismo de ansiedade pelo gol, digo, pelo aparecimento do rosário... E nada... No altar, aflito, suando e sem qualquer pequeno recanto do vestuário clerical intocado, deu-se por fim o padre Boschetti por derrotado, e, com desaponto, com resignação, encarou o público e arremessou-lhes:

– Bem, sempre o trago comigo, mas hoje não aparece. Paciência!

Encerrou a sermoneação.

****

Maio, mês de Maria

"As mães da terra nunca abandonam os seus filhos. O mesmo faz Maria, que tanto ama os seus filhos ao longo da vida; com que ternura, com que bondade não irá Ela protegê-los nos últimos instantes, quando a necessidade é maior?"

São João Bosco

Insônia

Edival da Silva Castro

A noite passada uma indesejável insônia me envolveu. Liguei o computador. Sobre a mesa do mesmo havia um livro: tratava-se do Best-seller americano "O Ladrão de Raios", de Rick Riordan, que meu neto de doze anos está lendo. Li o primeiro capítulo e achei a história interessante, porém não propícia para o momento. Fui à sala a fim de ver TV, já que era hora da sessão Corujão. O filme era escuro e violento. Desisti. Voltei ao quarto, abri a janela que dá para o quintal; talvez a brisa da noite pudesse suavizar minha tormenta.

De olhos arregalados e ouvidos aguçados, passei a contar com ternura os tiquetaques que vinham da sala, de um relógio de parede. A contagem estava alta quando me lembrei de que na guarda da cama trago um rosário. Talvez as Ave-Marias e os Pais-Nossos pudessem me socorrer. Lancei mão do mesmo. Beijei o crucifixo, fiz o sinal da cruz e passei a orar. Começava o terceiro mistério, quando devo ter adormecido.

A claridade da manhã despertou-me. Ainda trazia o dedão da mão direita numa das contas maiores do terceiro mistério. Finalmente tinha dormido um pouco. Fora uma noite longa, que se estendera pela madrugada a fora. Já estava cheio de me sentir vazio quando a Providência Divina me fez lembrar do rosário. As seguintes Ave-Marias fecharam minhas pálpebras e me trouxeram o sono de volta e os Pais-Nossos serviram para dissipar minhas vagas ideias.

Terminei de rezar o quarto e o quinto mistérios. Em seguida, coloquei o rosário de volta ao seu lugar de salvaguarda.

Acesse na internet, leia e

"O ESTAFETA"

www.issuu.com/oestafeta

Foto Arquivo Pro-Memória

Reprodução

Foto Irerê Pereira

O Jongo e o 13 de Maio

Forma de expressão afro-brasileira, o Jongo integra percussão de tambores e dança coletiva. Acontece nos quintais e pátios de fazendas, bem como nas festas de santos católicos, nas festas juninas e no 13 de Maio, da abolição dos escravos.

O Jongo é uma forma de louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades. Tem raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu. São sugestivos dessas origens o profundo respeito aos ancestrais, a valorização dos enigmas cantados e o elemento coreográfico da umbigada.

No Brasil, o Jongo se consolidou entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana de açúcar, no Sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Paraíba do Sul. Nos tempos da escravidão, a poesia metafórica do Jongo permitiu que os praticantes da dança se comunicassem por meio de "pontos", que os capatazes e senhores não conseguiam compreender. Sempre esteve, assim, em uma dimensão marginal, em que os negros falam de si, de sua comunidade por meio da crônica e da linguagem cifrada. Tambu, batuque, tambor, caxambu. O Jongo tem diversos nomes e é cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica.

Proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro em novembro de 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Jongo foi registrado no Livro das Formas de Expressão. O registro teve como base a pesquisa desenvolvida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e teve como suporte a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais. A Fundação Christiano Rosa participou da elaboração deste inventário.

Migração da Competência

Quem quer que se interesse pela vida do Brasil surpreende uma tentativa escancarada de criar uma área de conflito opondo elementos que, no atual momento, de forma alguma se confrontam: a produção de elementos e a preservação do meio ambiente.

Insto acontece porque o avanço acelerado da fronteira agrícola aconteceu quando o Planeta já se despertava para as mudanças climáticas e o progresso científico já alcançava nível satisfatório.

Passando rapidamente os olhos por São Paulo, surpreendemos em atividade consistente, além das Universidades, o Instituto Biológico, o Instituto de Zootecnia, o Instituto Agronômico de Campinas, a APTA garantindo a pesquisa, enquanto a CATI se responsabiliza por levar o conhecimento ao produtor.

Dias de Campo se multiplicam. Em qualquer reunião de agricultores e pecuaristas, sejam leilões ou congressos, largo espaço é ocupado por palestras, painéis e oficinas, todos procurando fazer o produtor convencer-se de que a melhor opção é a dos sistemas sustentáveis de produção.

O Programa Globo Rural mostrou a epopeia de uma família de Carambeí (PR) que adquiriu terras no Maranhão. Em pouco tempo, as casas que construíram para morar foram repassadas aos empregados, porque residências mais confortáveis já haviam sido levantadas.

Paulistas, catarinenses e gaúchos também se deslocaram para as novas frentes, somando-se ao que de melhor encontraram nas novas paragens.

Embrapa e Sebrae continuam dando os arremates no surto de competência.

O Brasil tem 850 milhões de hectares de área. Com os quebrados podemos construir 1.487.600 campos de futebol peladeiro para os nossos meninos treinarem para a Copa de 14.

O Japonesinho do Estilosantes (Novo Canal) sempre nos alerta para o crescimento da população do mundo. Apresentando painéis muito bem elaborados afirma que, em 1950, cada hectare do Planeta precisava produzir alimentos para menos de quatro (4) pessoas; em 2000, para mais de quatro (4) pessoas. Em 2050 cada hectare deverá alimentar sete (7) pessoas.

O Brasil registra a disponibilidade de água de 43.028m³ per capta. Sua cobertura florestal atinge 57,2% do território.

Segundo Andre Nasser, Instituto Ícone (Mercado Internacional), as nossas leis ambientais são mais severas do que as dos países que compram os nossos produtos. Mas eles exigem que cumpramos as nossas leis. Além dos mais, a nossa mídia, quando noticia os desmatamentos, não diz quem desmatou e para quê. Os importadores interpretam que foram os agricultores e pecuaristas que derrubaram a floresta e os penalizam por isso. Nossas águas vêm de aquíferos renováveis, brotam da terra. As chuvas os reabastecem periodicamente.

Existem países, nossos vizinhos, cujos rios dependem exclusivamente do degelo dos Andes.

Em território brasileiro, o rio Amazonas tem afluentes colossais. Mas seu volume d'água não ficará comprometido se deixar de receber as águas do degelo?

E a Ásia? O volume dos rios da Índia, da China, do Paquistão, do Vietnã, as monções, que regulam a produção agrícola, tudo depende do sistema do Platô Tibetano. Hoje, quem vai lá vai para rezar.

E se a China resolver empurrar para lá sua população excedente?

Durante o reinado da soberana das Índias, a rainha Vitória da Inglaterra, trinta milhões de indianos morreram de fome por problemas climáticos. Com seus atuais um bilhão e duzentos milhões de habitantes, a Índia precisa refletir sobre a questão.

No Brasil, não existe área de conflito entre a proteção ao meio ambiente e a produção agropecuária.

O episódio lamentável da cheia do rio Taquari, que inundou trezentas fazendas, é lição aprendida.

As nascentes do Xingu e do Araguaia estão sendo recuperadas.

Não se fala mais em degradação de pastagens. O agropecuarista já aprendeu que a pastagem bem cuidada é lucro certo e permite o adensamento, maior número de cabeças por hectare.

Quanto à nossa capacidade de aumentar a produção de grãos por hectare, os números não mentem jamais.

A fronteira agrícola brasileira expandiu-se rapidamente em uma geração. Já chegou aonde tinha de chegar. Agora é só ocupar os claros. Com tecnologia, com sustentabilidade.

E absolutamente dentro da lei – Duralex, sed lex.

Abigayl Lea da Silva

A Biblioteca Municipal de Piquete

Antigo prédio da Prefeitura, que por longo tempo abrigou a Biblioteca Municipal de Piquete

Há 70 anos foi criada em Piquete a Biblioteca Pública Municipal. Este fato, de singular importância para a educação e a cultura dos munícipes, foi obra do prefeito José Monteiro de Brito Júnior, por meio do Decreto Lei nº 6 , de 20 de fevereiro de 1941. Este decreto estava em consonância com o artigo 5º do Decreto Lei Federal nº 1202, de 8 de abril de 1939, e atendia aos termos da Resolução nº 114, de 1941, do Departamento Administrativo do Estado. Por essa época, o país se modernizava. Iniciava-se o processo de industrialização e precisava-se de mão-de-obra qualificada, e o governo Getúlio Vargas vinha priorizando a educação. Segundo o governo federal, todas as cidades deveriam criar suas bibliotecas.

Piquete experimentou, por essa época, uma revolução sem precedentes na educação promovida pela FPV, com a criação do Departamento Educacional e seus cursos. Criada a biblioteca municipal, foi instalada num anexo à prefeitura recém-inaugurada. Pelo decreto, era determinado que o funcionamento da biblioteca seria das 14h às 17h e das 19h às 22h, para que operários e trabalhadores pudessem consultá-la. Seu acervo foi formado com obras adquiridas pela Prefeitura mediante dotação orçamentária e obras recebidas de Institutos e Departamentos públicos, além de doações particulares. O cargo de bibliotecário foi criado nessa ocasião, com vencimento anual de 2:400$000 (dois contos e quatrocentos mil réis) e deveria ser exercido por pessoa habilitada.

O Decreto Lei entrava em vigor na data de sua promulgação e a primeira bibliotecária nomeada foi Maria de Lourdes Ribeiro. A preocupação com o acervo da biblioteca e seu funcionamento era tanta, que o prefeito Luiz Arantes Júnior, por meio do Decreto Lei nº 21, de 8 de maio de 1944, criou a Comissão Municipal de Biblioteca, com a função de administrá-la. Essa comissão reunia-se mensalmente para avaliação das atividades e apresentação de relatórios.

Por muitos anos, a biblioteca manteve-se instalada no antigo prédio da Prefeitura. Foram também bibliotecárias, nas primeiras décadas, Abília de Almeida, Elza Arantes, Clélia de Castro Ferreira... Com o passar dos anos, deixou-se de priorizar a educação. Consequentemente, a biblioteca municipal não mais recebeu a atenção merecida. Dessa forma, a cada governo, era transferida de um lugar para outro. Tornou-se "itinerante". Assim, a população parou de frequentá-la. Se perguntarmos para muitos professores e alunos onde ela se encontra instalada atualmente, certamente não saberão informar.

Esse descaso para com as bibliotecas públicas é um fenômeno que ocorre por todo o país. É notável que o descaso muito se dá, também, pela falta de atuação da população, que raramente frequenta esses ambientes. Esse descaso reflete-se nos seus representante públicos locais, que, por fim, resolvem dizer, com outras palavras, que o benefício de uma biblioteca é insignificante se comparado ao seu custo.

Já nos alertava Monteiro Lobato: "Quem mal lê, mal escreve, mal fala, mal vê". Quando se pensa em avançar na educação, não se pode deixar de lado a questão das bibliotecas públicas, espaço vital para garantir o acesso à informação, o apoio à formação cidadã e o estímulo ao gosto e hábito da leitura.

****

Dinheiro na sacola e sua vida decola!

Durante 500 anos o Brasil foi um país fortemente marcado pela tradição cristã, principalmente pelo catolicismo, que, mesmo com a chegada de cristãos reformados, continuou sendo hegemônico. Nas últimas décadas, porém, ocorreu uma forte mudança no cenário religioso de nossa nação, que tem causado forte impacto tanto no meio católico como entre os cristãos reformados: o fenômeno neopentecostal.

O neopentecostalismo é uma forma meio paganizada de cristianismo, muito contestada entre os protestantes tradicionais e também pelos católicos mais conscientes, que transforma a religião, tanto a católica como a protestante, em curandeirismo, danças, pulos, pregações moralistas e preconceituosas, shows musicais e arrecadações milionárias de doações feitas pelos fanáticos fiéis, que são constantemente induzidos a pensar que suas ofertas salvarão o mundo.

Essa nova forma de fenômeno religioso produz ídolos que estão acima de qualquer instituição religiosa: são os padres, geralmente cantores, os apóstolos, os bispos e "bispas" e os profetas que arrastam multidões, prometendo "em nome de Jesus" a cura para todos os males e a prosperidade financeira; pedem, depois, apenas uma ajudinha para as suas obras poderem continuar, para seus programas e canais de TV não saírem do ar.

Quando não fazemos uma doação, somos tomados por um terrível sentimento de culpa; é como se fôssemos os responsáveis por todas as doenças que atingem as pessoas, ou pelas almas dos pecadores que vão para o fogo do inferno por estarem sendo privadas da pregação dessa gente. Pior que isso é quando pensamos que seremos vítimas da fúria divina por não termos feito uma bendita doação. Então lá se vão 30 reais para determinada TV que precisa fechar os benditos 100%, que nunca são atingidos; 40 reais para a outra emissora que sempre está comprando câmeras novas para se modernizar; 50 reais para o pastor que não pode tirar seu programa do ar, pois, ao contrário, o Brasil se perde. Além dessas doações todas, ainda fazemos algo mais – enviamos nosso rico ourinho e outras jóias de valor para as intermináveis campanhas em prol de construções faraônicas de santuários e mais santuários que se multiplicam por todos os lados, tanto entre os católicos como entre os evangélicos.

Com a fé sendo transformada em megaeventos carismáticos regidos por astros e estrelas evangélicos e católicos, a genuína tradição cristã dos protestantes com suas pequenas comunidades de crentes sinceramente zelosos com as Escrituras e desejosos de fidelidade a Deus, bem como a dos católicos com uma longa e frutuosa presença nesta terra, que no início chamaram de Terra de Santa Cruz, estão fortemente ameaçadas de extinção.

O neopentecostalismo, ao longo do tempo, tem-se mostrado uma porta de saída para os fiéis tanto do Catolicismo como das Igrejas protestantes tradicionais. As pessoas que aderem a essa modalidade de experiência religiosa geralmente não permanecem nela por um período muito demorado. Grande parte de seus adeptos migram, depois de um tempo, para o grupo que mais tem crescido no país, o das pessoas sem fé, sem religião.

É muito provável que o movimento neopentecostal, fortemente presente nas comunidades protestantes e católicas do Brasil, faça com que nosso país, que durante 500 anos foi uma nação de tradição cristã, se torne, em poucos anos, uma nação hegemonicamente indiferente à religião e aos seus valores. Não são poucos os que acreditam que este será o legado do espetaculoso neopentecostalismo.

Pe. Fabrício Beckmann